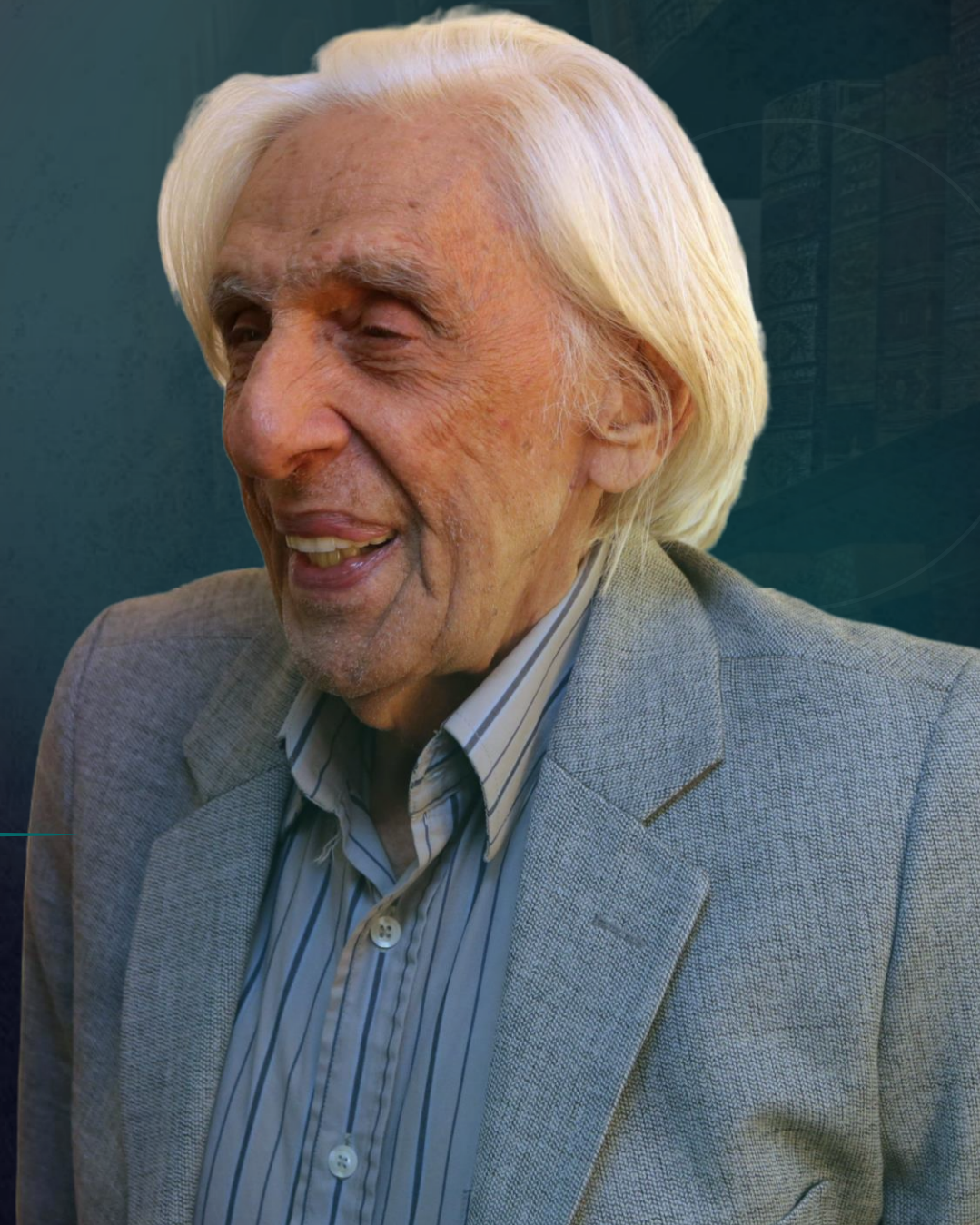


1960-Atualidade

Poesia
contemporânea



1960-Atualidade

Poesia contemporânea

3 VERTENTES

Poesia Tradicional

Poesia Concreta
(Concretismo)

Poesia Marginal
(Geração Mimeógrafo)



1960-Atualidade

Poesia contemporânea

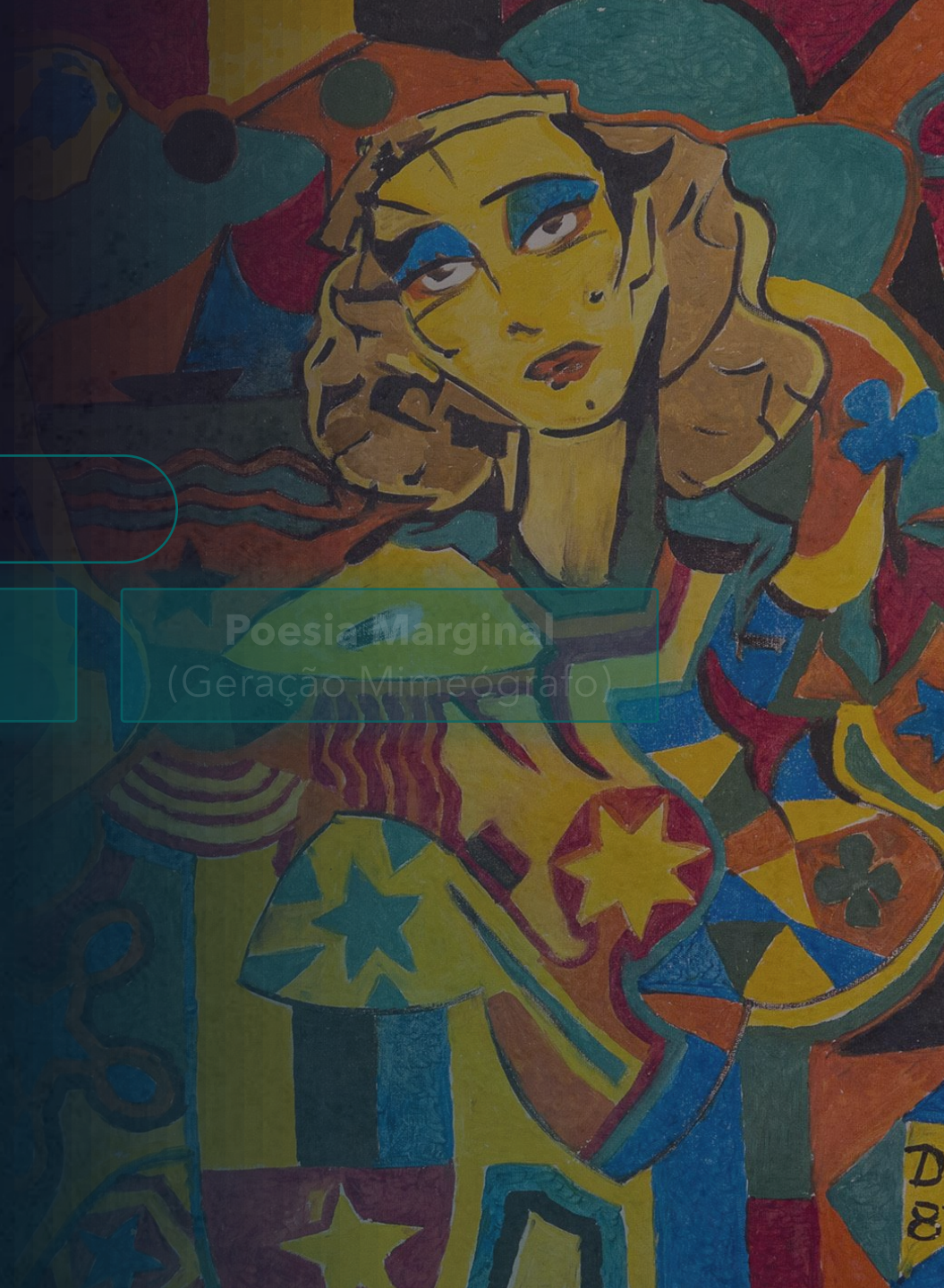
3 VERTENTES

Poesia Tradicional

Ferreira Gullar
Hilda Hilst
Manoel de Barros
Adélia Prado
Cora Coralina
Affonso Romano Sant'anna
Elisa Lucinda
Angélica Freitas

Poesia Concreta
(Concretismo)

Poesia Marginal
(Geração Mimeógrafo)



Poesia contemporânea

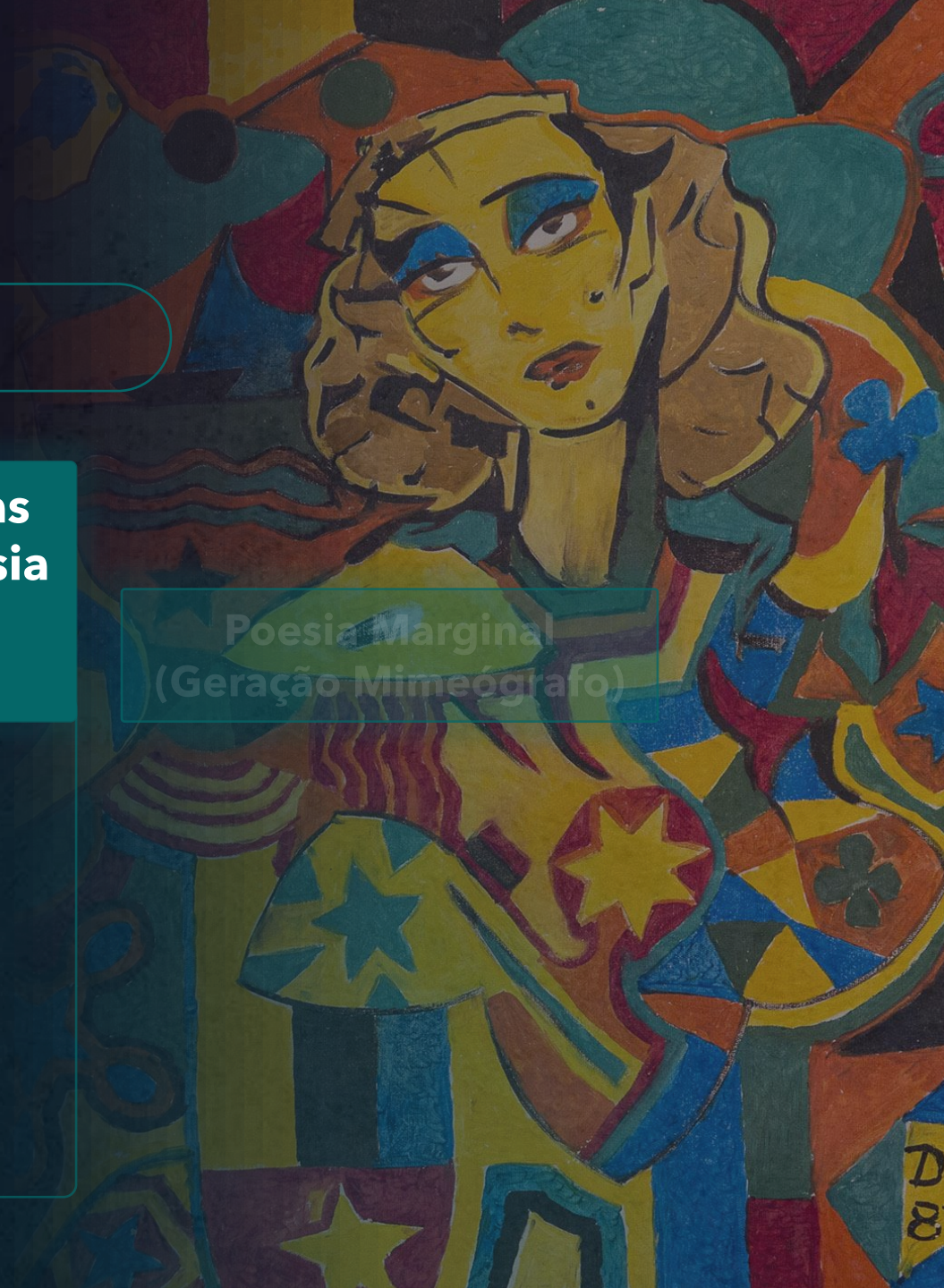
3 VERTENTES

Poesia Tradicional

**Vanguardas tardias
(Concretismo, Poesia
Práxis, Poema
Processo)**

Augusto de Campos
Haroldo de Campos
Décio Pignatari
Ronaldo Azeredo
José Lino Grünewald
Wladimir Dias Pino
Pedro Xisto
Mário Chamie

Poesia Marginal
(Geração Mimeógrafo)



1960-Atualidade

Poesia contemporânea

3 VERTENTES

Poesia Tradicional

Poesia Concreta
(Concretismo)

Poesia Marginal
(Geração Mimeógrafo)

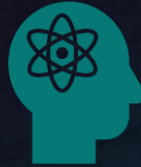
Paulo Leminski
Chacal
Cacaso
Francisco Alvim
Ana Cristina Cesar
Nicolas Behr
Waly Salomão
Torquato Neto

Poesia Tradicional

CARACTERÍSTICAS GERAIS



Ampla variedade de temas e de estilos



Abordam de crítica social e política a temas metafísicos e intimistas

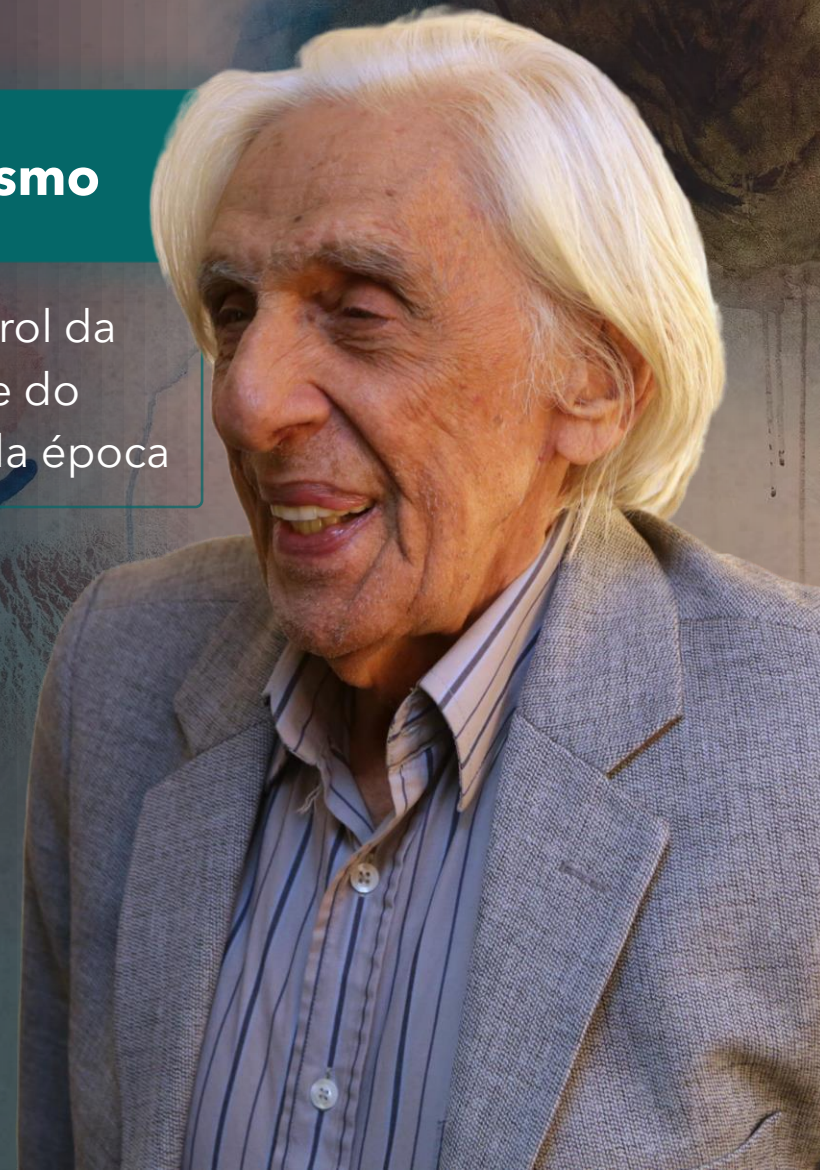
Além de motivos autobiográficos e memorialísticos

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Ferreira Gullar

Iniciou no Concretismo

Logo abandonado em prol da aproximação popular e do pensamento progressista da época

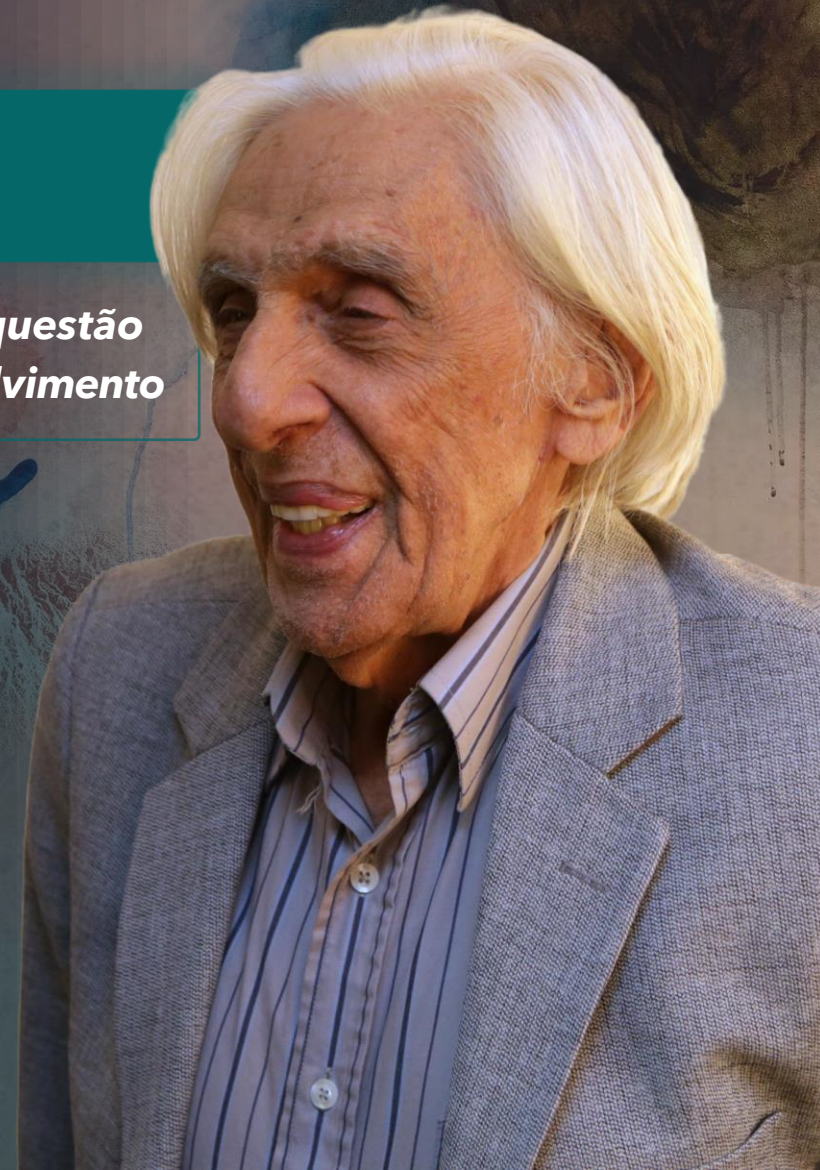


CARACTERÍSTICAS GERAIS

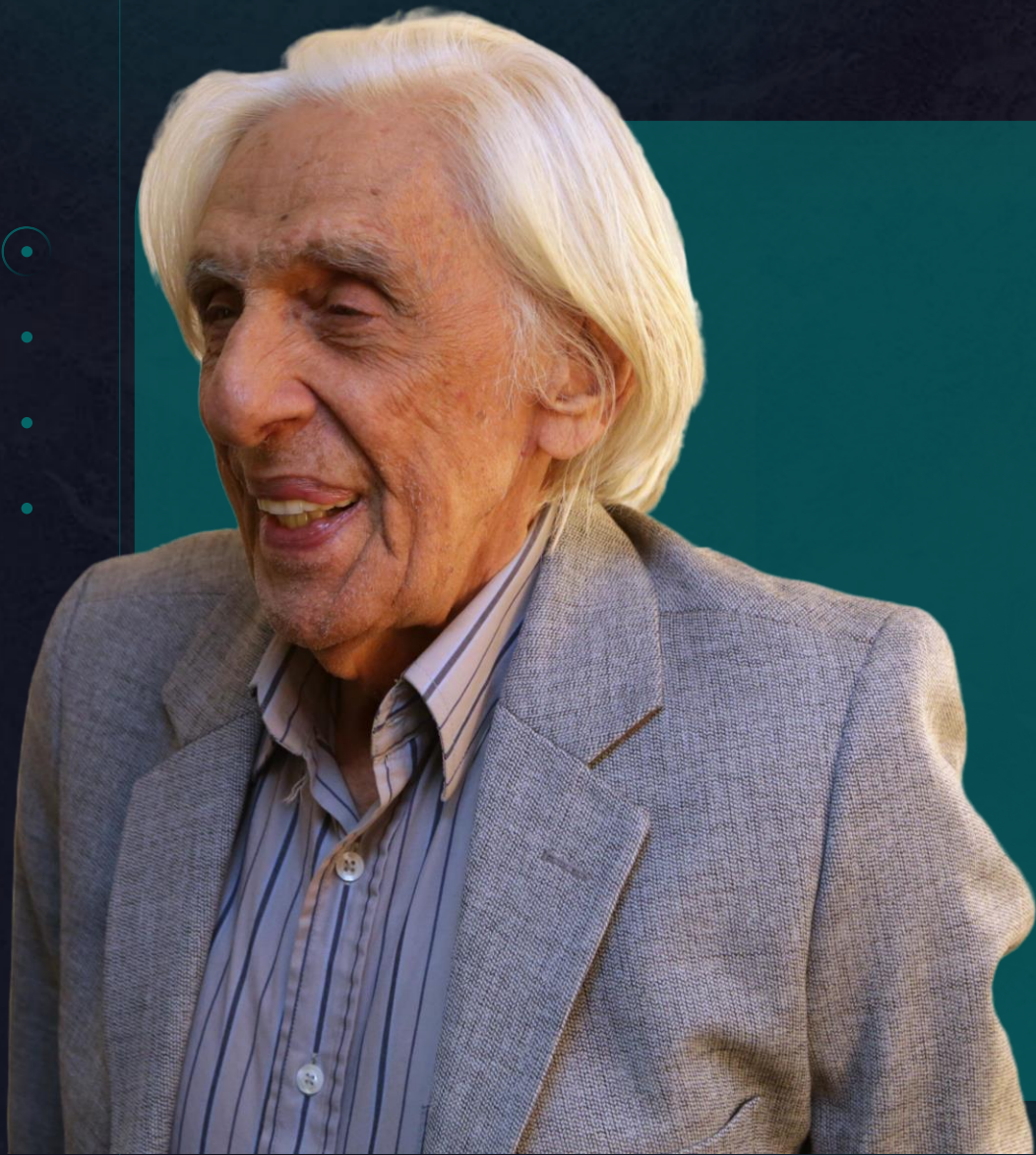
Ferreira Gullar

Senso crítico

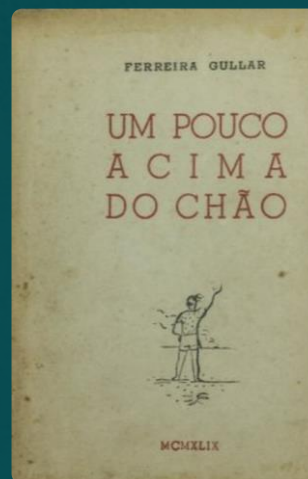
Ensaio: ***Cultura posta em questão e Vanguarda e subdesenvolvimento***



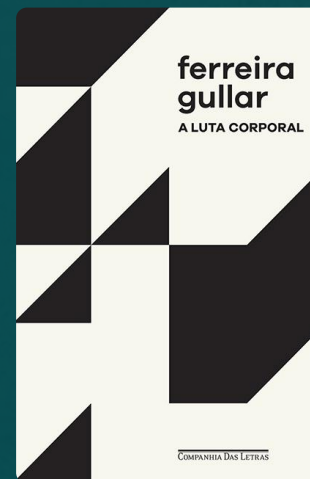
Ferreira Gullar



Obras centrais



**Um pouco
acima do
chão** (1949)

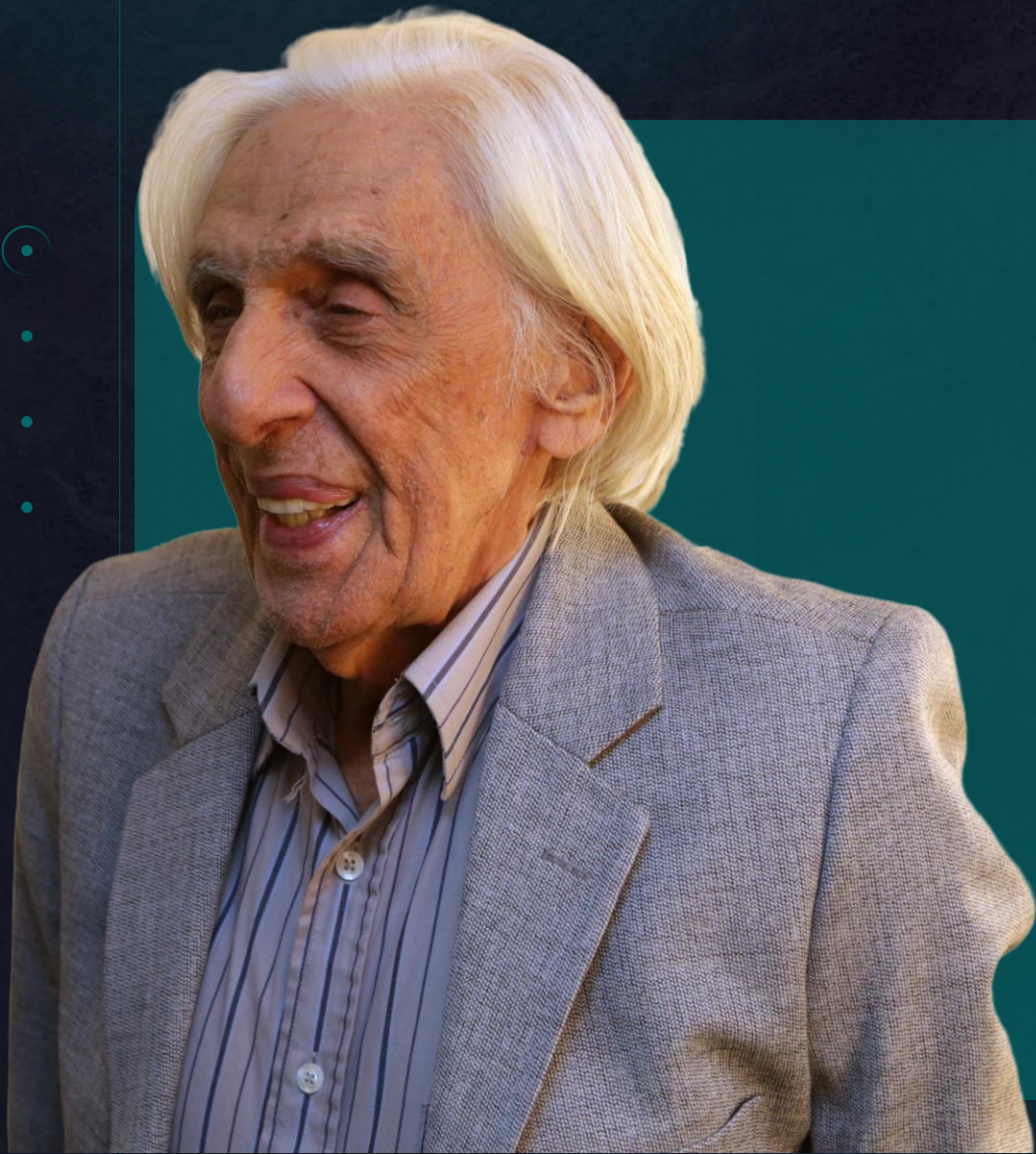


**A luta
corporal**
(1954)



Por você por mim
(1968)

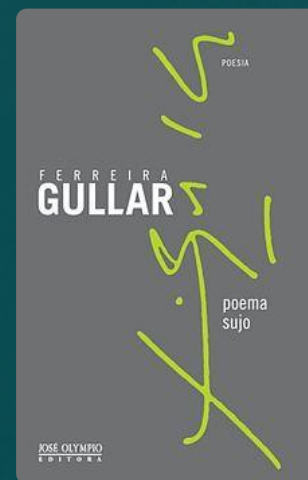
Ferreira Gullar



Obras centrais



**Dentro da
noite veloz**
(1975)

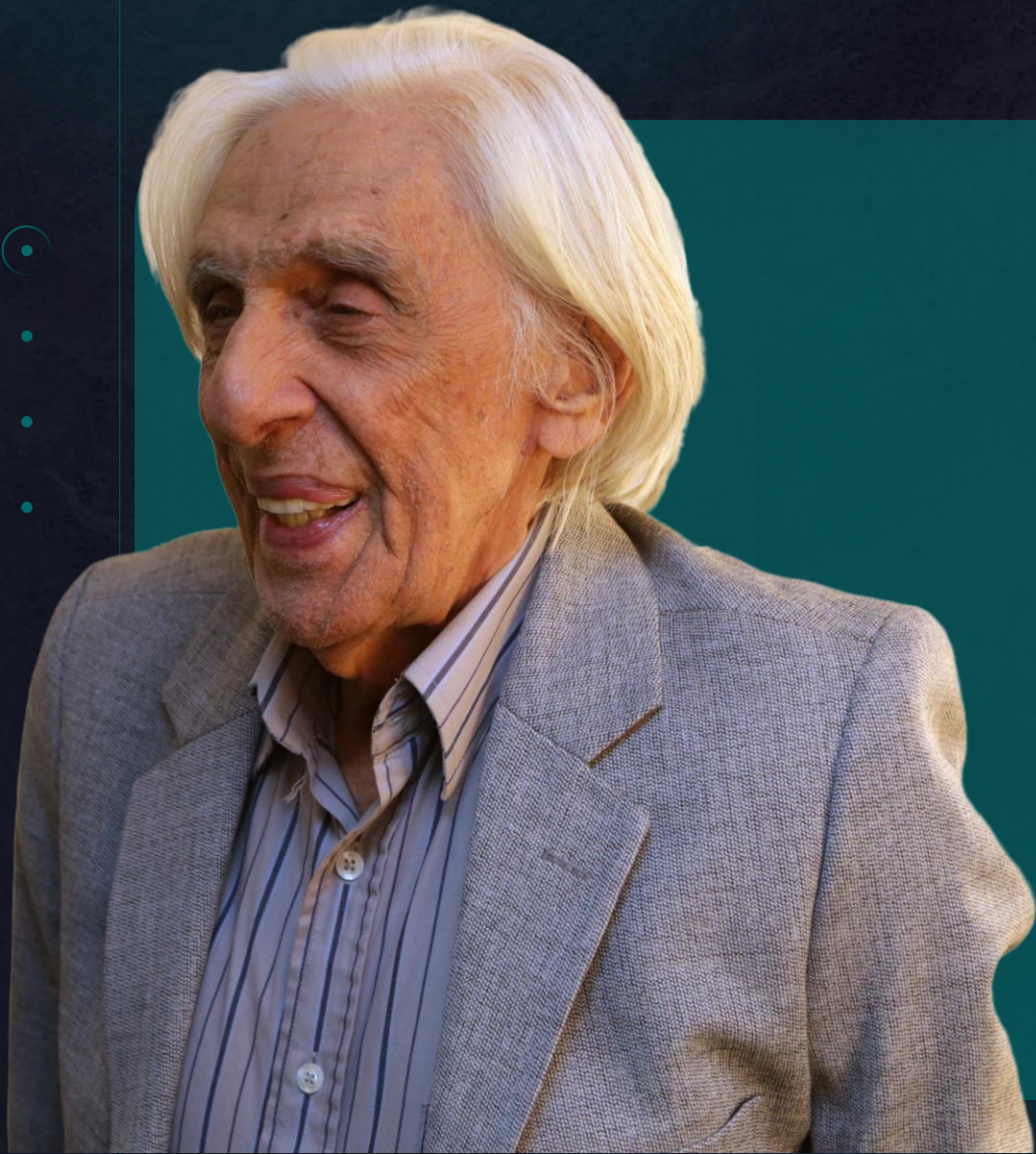


Poema sujo
(1976)



**Na vertigem do
dia**
(1980)

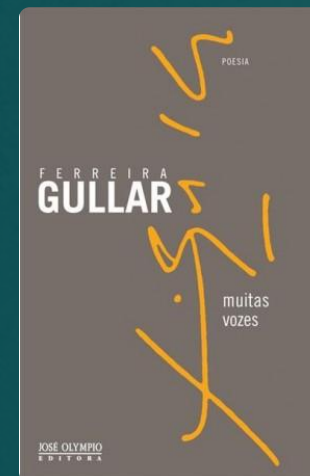
Ferreira Gullar



Obras centrais



***Crime na flora ou
Ordem e Progresso***
(1986)



Muitas vozes
(1999)

O AÇÚCAR

"O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez
[o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em
[Ipanema."





NÃO HÁ VAGAS

"O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão

O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.

Como não cabem no poema
o operário
que esmerila seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras

-- porque o poema, senhores
está fechado:
'não há vagas'

Só cabem no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço

O poema senhores,
não fede
nem cheira"



AGOSTO 1964

“Entre lojas de flores e de sapatos, bares,
mercados, butikues,
viajo

num ônibus Estrada de Ferro-Leblon.
Volto do trabalho, a noite em meio,
fatigado de mentiras.

O ônibus sacoleja. Adeus, Rimbaud,
relógio de lilases, concretismo,
neoconcretismo, ficções da juventude, adeus,
que a vida

eu compro à vista aos donos do mundo.

Ao peso dos impostos, o verso sufoca,
a poesia agora responde a inquérito policial-
militar.

Digo adeus à ilusão
mas não ao mundo. Mas não à vida,
meu reduto e meu reino.

Do salário injusto,
da punição injusta,
da humilhação, da tortura,
do terror,
retiramos algo e com ele construímos
[um artefato

um poema
uma bandeira”



EXTRAVIO

"Onde começo, onde acabo,
se o que está fora está dentro
como num círculo cuja
periferia é o centro?"

Estou disperso nas coisas,
nas pessoas, nas gavetas:
de repente encontro ali
partes de mim: risos, vértebras.

Estou desfeito nas nuvens:
vejo do alto a cidade
e em cada esquina um menino,
que sou eu mesmo, a chamar-me.

Extraviei-me no tempo.
Onde estarão meus pedaços?
Muito se foi com os amigos
que já não ouvem nem falam.

Estou disperso nos vivos,
em seu corpo, em seu olfato,
onde durmo feito aroma
ou voz que também não fala.

Ah, ser somente o presente:
esta manhã, esta sala."



Manoel de Barros

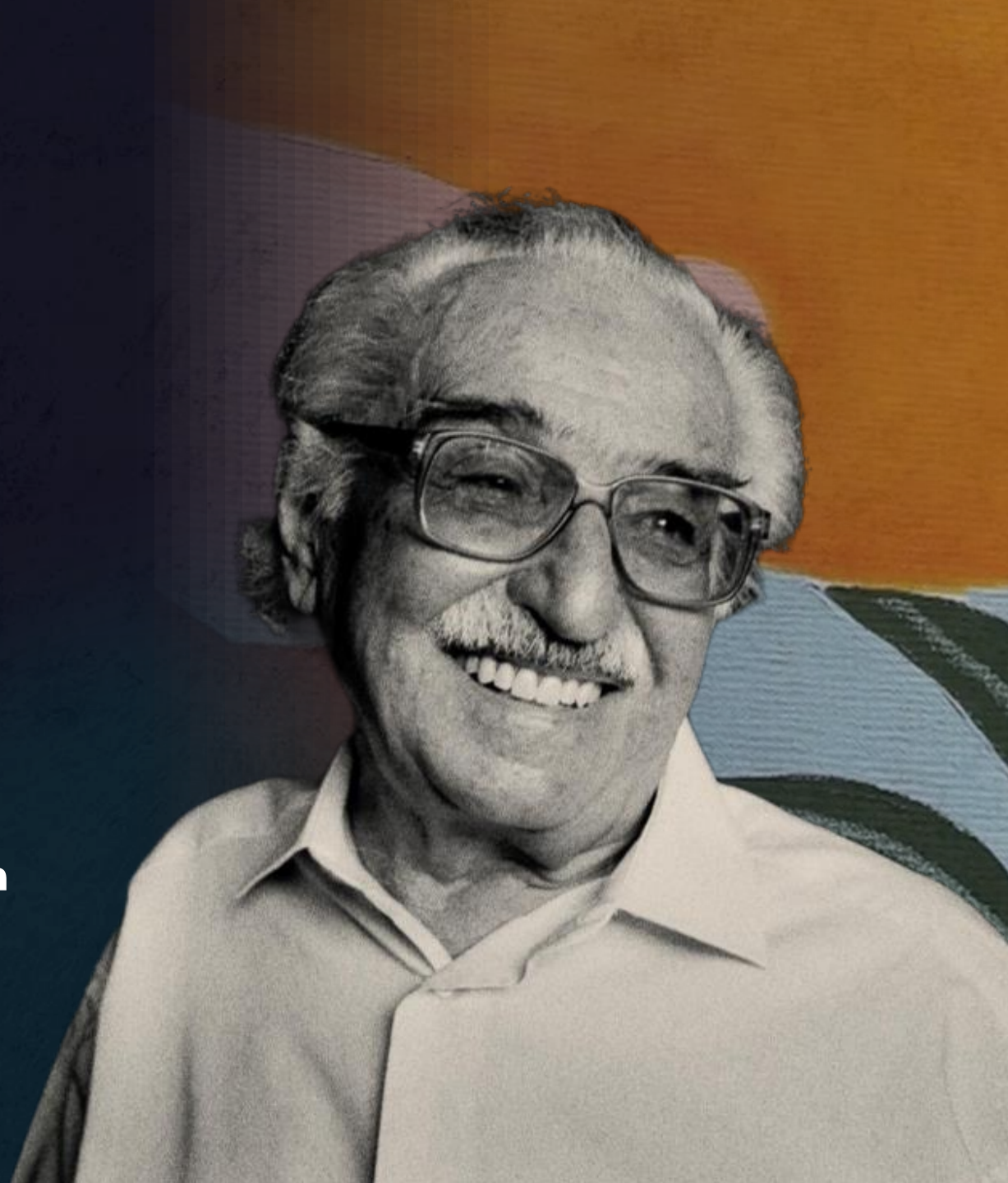
Características gerais



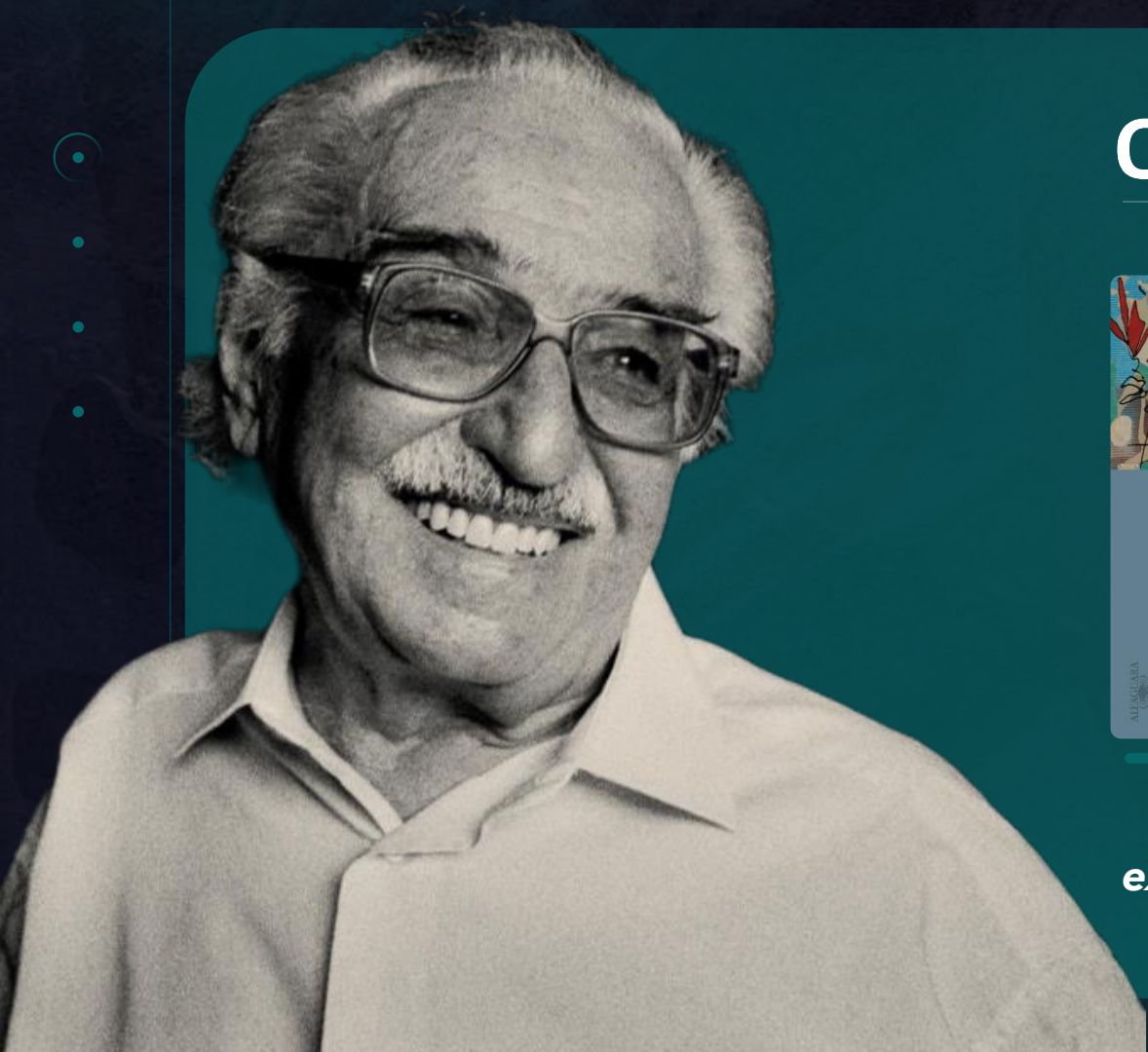
Descreve a pródiga natureza pantaneira por meio de imagens que beiram o Surrealismo



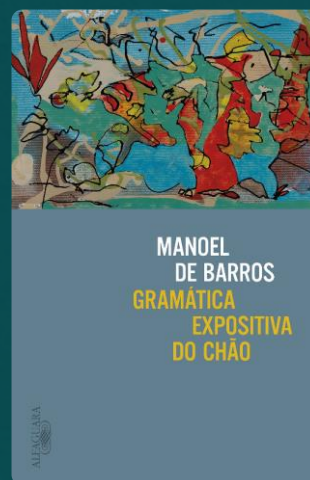
Linguagem enormemente criativa (neologismos) e metafórica



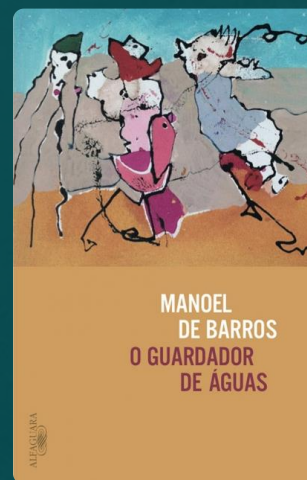
Manoel de Barros



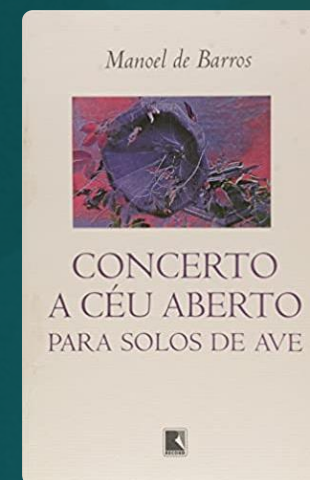
Obras centrais



**Gramática
expositiva do
chão**
(1966)

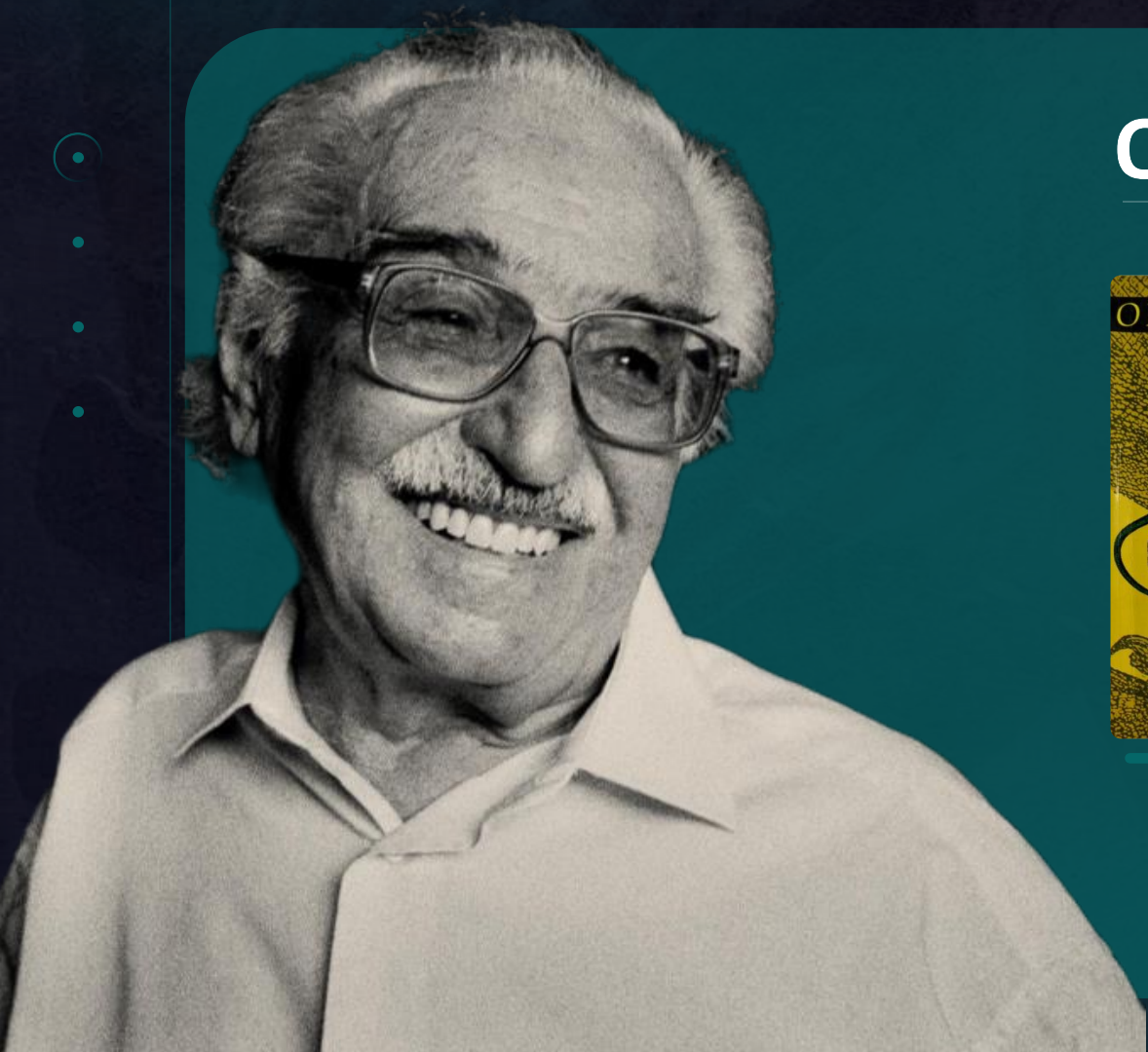


**O guardador
de águas**
(1989)

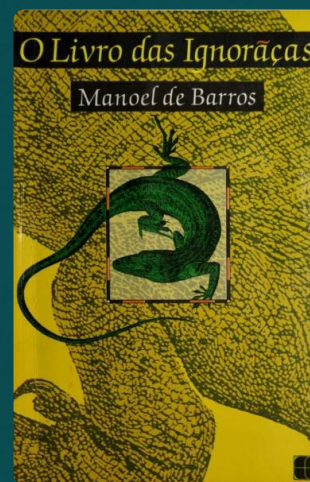


**Concerto a céu aberto
para solos de aves**
(1991)

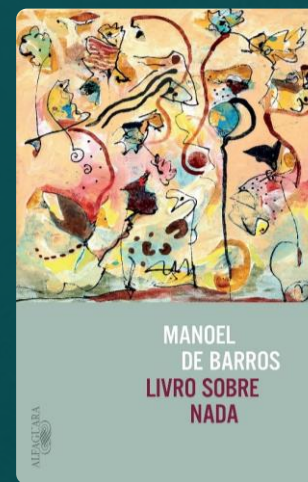
Manoel de Barros



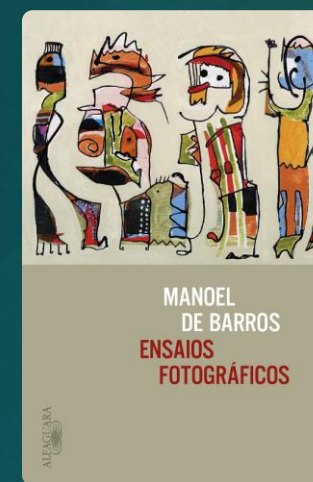
Obras centrais



**O livro das
ignorãças**
(1993)

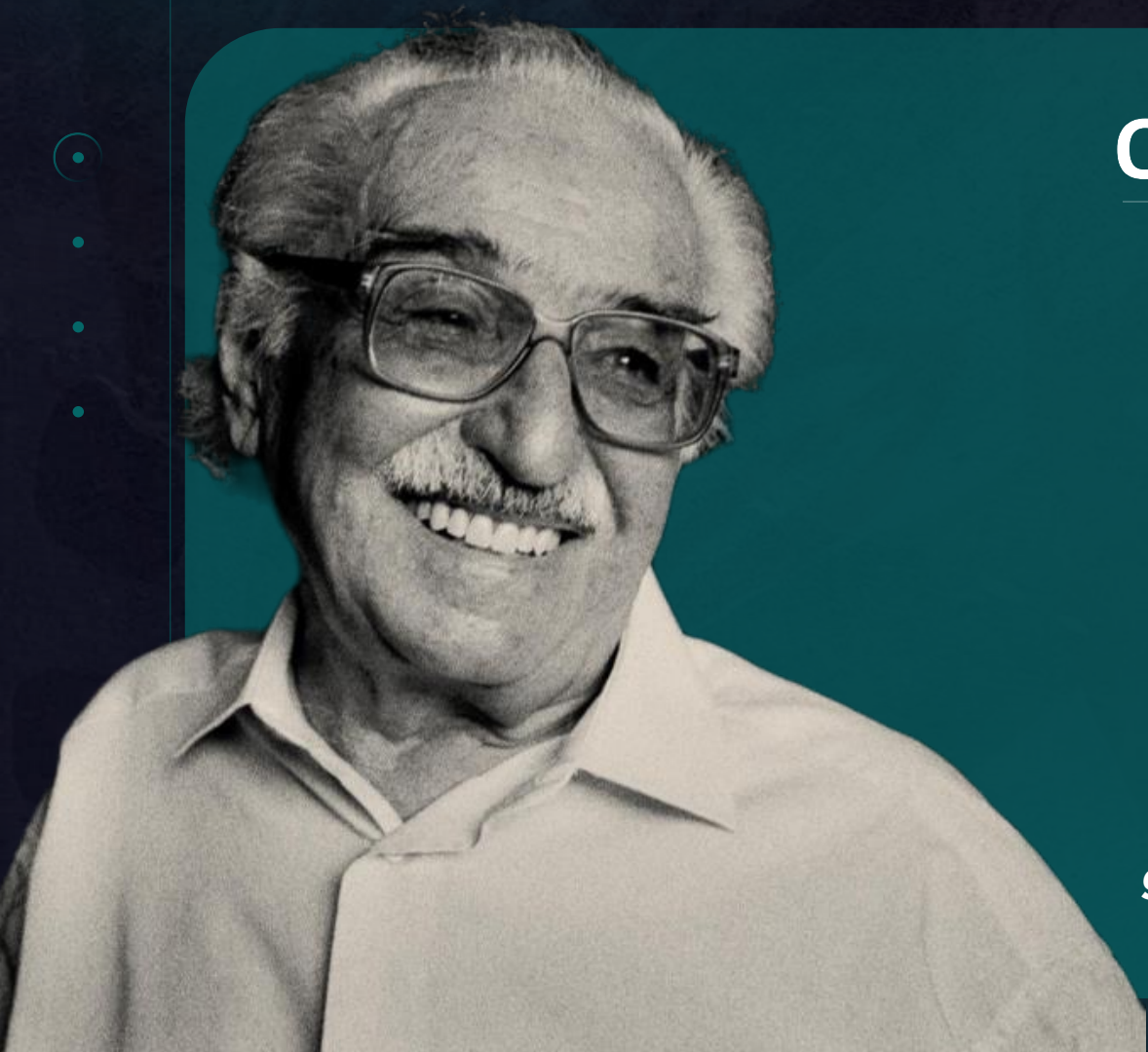


Livro sobre nada
(1996)

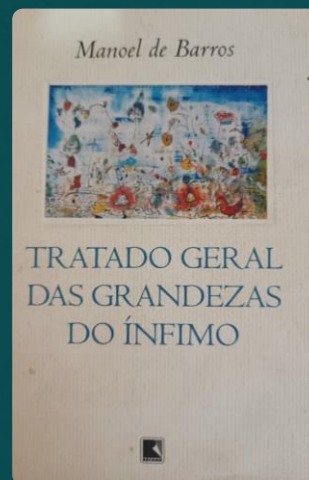


Ensaio fotográficos
(2000)

Manoel de Barros



Obras centrais



Tratado geral das grandezas do ínfimo
(2001)



O fazedor de amanhecer
(2002)

O FAZEDOR DE AMANHECER

“Sou leso em tratagens com máquina.
Tenho desapetite para inventar coisas
prestáveis.

Em toda a minha vida só engenhei
3 máquinas.

Como sejam:

uma pequena manivela para pegar no sono,
um fazedor de amanhecer
para usamentos de poetas
e um platinado de mandioca para o
fordeco de meu irmão.

Ceguei de ganhar um prêmio das indústrias
automobilísticas pelo Platinado de
Mandioca.

Fui aclamado de idiota pela maioria
das autoridades na entrega do prêmio.
Pelo que fiquei um tanto soberbo.”

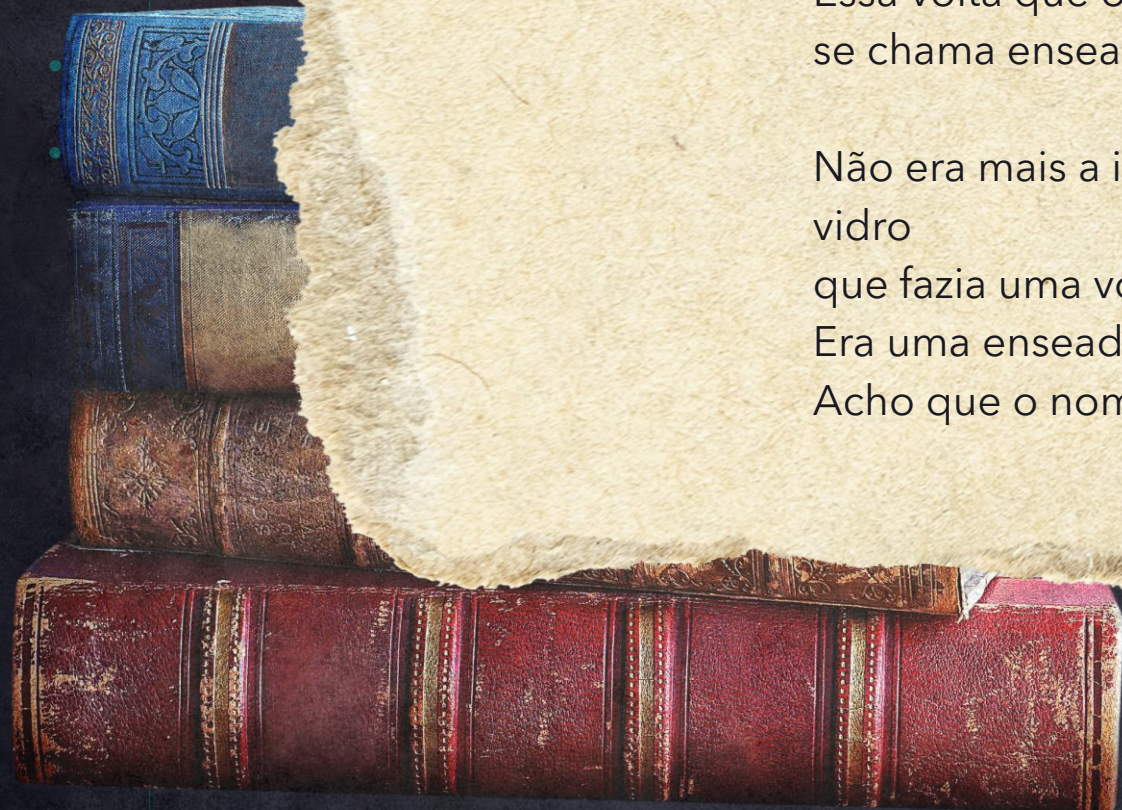


XIX

"O rio que fazia uma volta
atrás da nossa casa
era a imagem de um vidro mole...

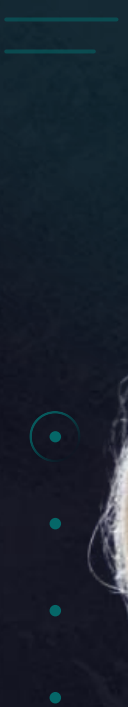
Passou um homem e disse:
Essa volta que o rio faz...
se chama enseada...

Não era mais a imagem de uma cobra de
vidro
que fazia uma volta atrás da casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem."



Adélia Prado

Características gerais



Adélia Prado

Características gerais

Escreveu ficção

Mas se destacou
como poeta

**Poesia extraída
do cotidiano**



Adélia Prado

Características gerais

**Com olhar terno
e feminino**

O eu-lírico capta a paisagem humana e social da vida provinciana de Divinópolis (MG), sua cidade natal

Humor e ironia

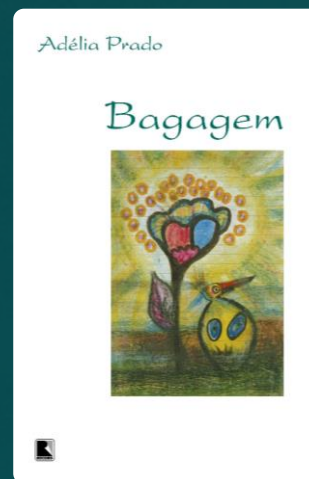
Ao retratar as desditas amorosas

**Forte
religiosidade**

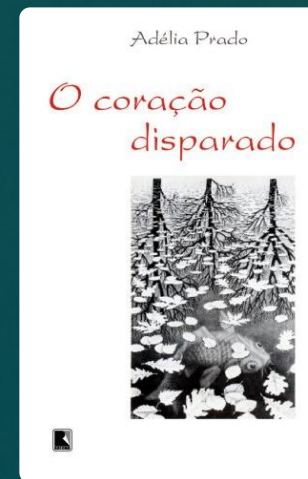


Adélia Prado

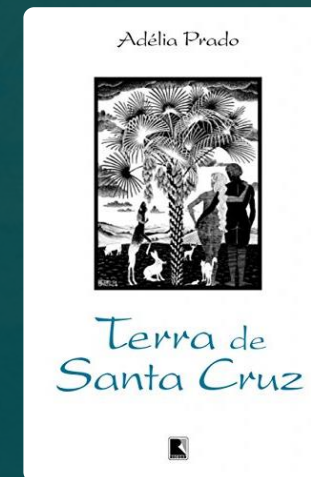
Obras centrais



Bagagem
(1976)



**O coração
disparado**
(1978)

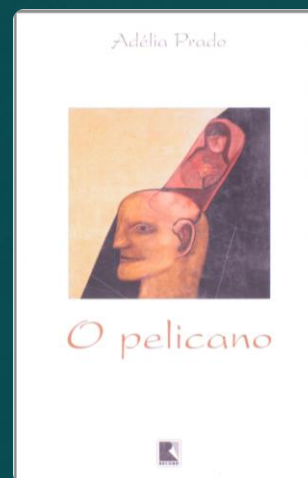


Terra de Santa Cruz
(1981)

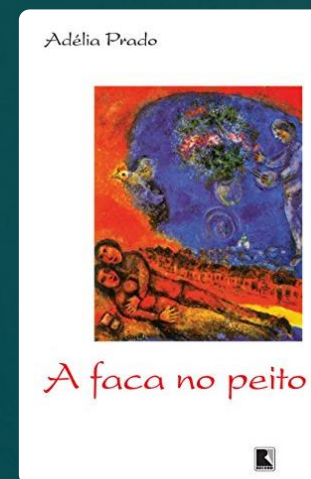


Adélia Prado

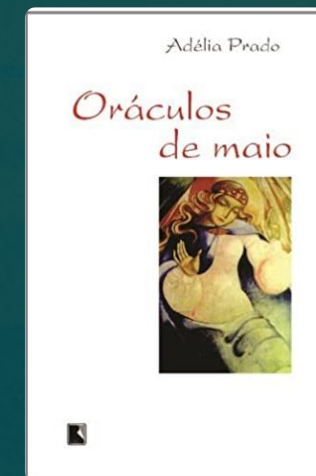
Obras centrais



O pelicano
(1987)



A faca no peito
(1988)



Oráculos de maio
(1999)



COM LICENÇA POÉTICA

"Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.

Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.

Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.

Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
-- dor não é amargura.

Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.

Vai ser coxo na vida é maldição pra
homem.

Mulher é desdobrável. Eu sou."



CASAMENTO

"Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como 'este foi difícil,
prateou no ar dando rabanadas'
e faz o gesto com a mão.

O silêncio de quando nos vimos a primeira
vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.
Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva."



IMPRESSIONISTA

“Uma ocasião,
meu pai pintou a casa toda
de alaranjado brilhante.
Por muito tempo moramos numa casa,
como ele mesmo dizia,
constantemente amanhecendo.”



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Cora Coralina

01

**Estudou apenas 3 anos
no ensino primário formal**

Era, todavia, uma voraz e curiosa leitora

02

Lírica ingênua e simples (*naïf*)

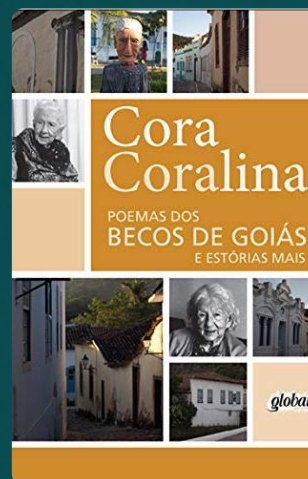
E com intensa autenticidade humana

03

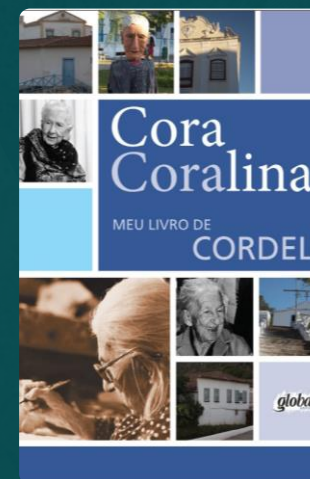
**Valorização, através do
popular,
do nacional**

Cora Coralina

Obras centrais



**Poemas dos becos de
Goiás e Estórias mais**
(1965)



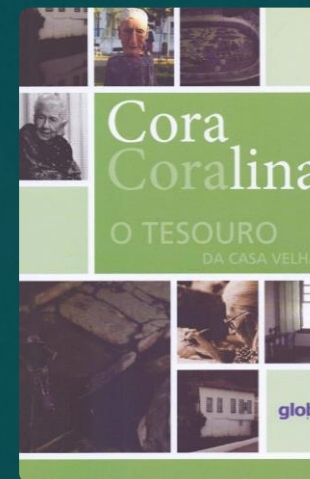
Meu livro de cordel
(1976)

Cora Coralina

Obras centrais



O vintém de cobre
(1983)



O tesouro da casa velha
(1989)

MULHER DA VIDA

“Mulher da vida,
minha irmã.
De todos os tempos.
De todos os povos.
De todas as latitudes.
Ela vem do fundo imemorial das idades
e carrega a carga pesada
dos mais torpes sinônimos,
apelidos e ápodos:
mulher da zona,
mulher da rua,
mulher perdida,
mulher à toa.
mulher da vida,
minha irmã. [...]”



Poesia Concreta

CARACTERÍSTICAS GERAIS



Revolução Industrial:
crise do artesanato resulta em:

Abolição do verso:
antipoética

**Arte
industrializada**

Poesia Concreta

CARACTERÍSTICAS GERAIS



Linguagem sintética:

reflexo do enorme dinamismo da sociedade moderna



Valorização da palavra solta:

som, forma e sentido que se fragmentam e se recompõem no espaço da página

Poesia Concreta

CARACTERÍSTICAS GERAIS



Poema = Espaço gráfico:

poesia para ser vista, não lida



**Uso dos mais diversos
recursos tipográficos**

Exemplos:

AUGUSTO DE CAMPOS

“Amortemor”



Exemplos

AUGUSTO DE CAMPOS

“Lixo Luxo”

LUXO
LUXO
LUXO
LUXO
LUXO
LUXO
LUXO
LUXO LUXO
LUXO LUXO
LUXO LUXO

LUXO
LUXO
LUXO
LUXO
LUXO
LUXO
LUXO
LUXO
LUXO
LUXO

LUXO LUXO
LUXO LUXO
LUXO LUXO
LUXOXO
LUXO
LUXOXO
LUXO LUXO
LUXO LUXO
LUXO LUXO

LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO
LUXO LUXO
LUXO LUXO
LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO LUXO

Augusto de Campos — 1965

COCA COLA

Décio Pignatari

beba coca cola

babe cola

beba coca

babe cola caco

caco

cola

cloaca



Exemplos

RONALDO AZEREDO

“Negativo”

V	V	V	V	V	V	V	V	V	V
V	V	V	V	V	V	V	V	V	E
V	V	V	V	V	V	V	V	E	L
V	V	V	V	V	V	V	E	L	O
V	V	V	V	V	V	E	L	O	C
V	V	V	V	V	E	L	O	C	I
V	V	V	V	E	L	O	C	I	D
V	V	V	E	L	O	C	I	D	A
V	V	E	L	O	C	I	D	A	D
V	E	L	O	C	I	D	A	D	E

Exemplos

RONALDO AZEREDO

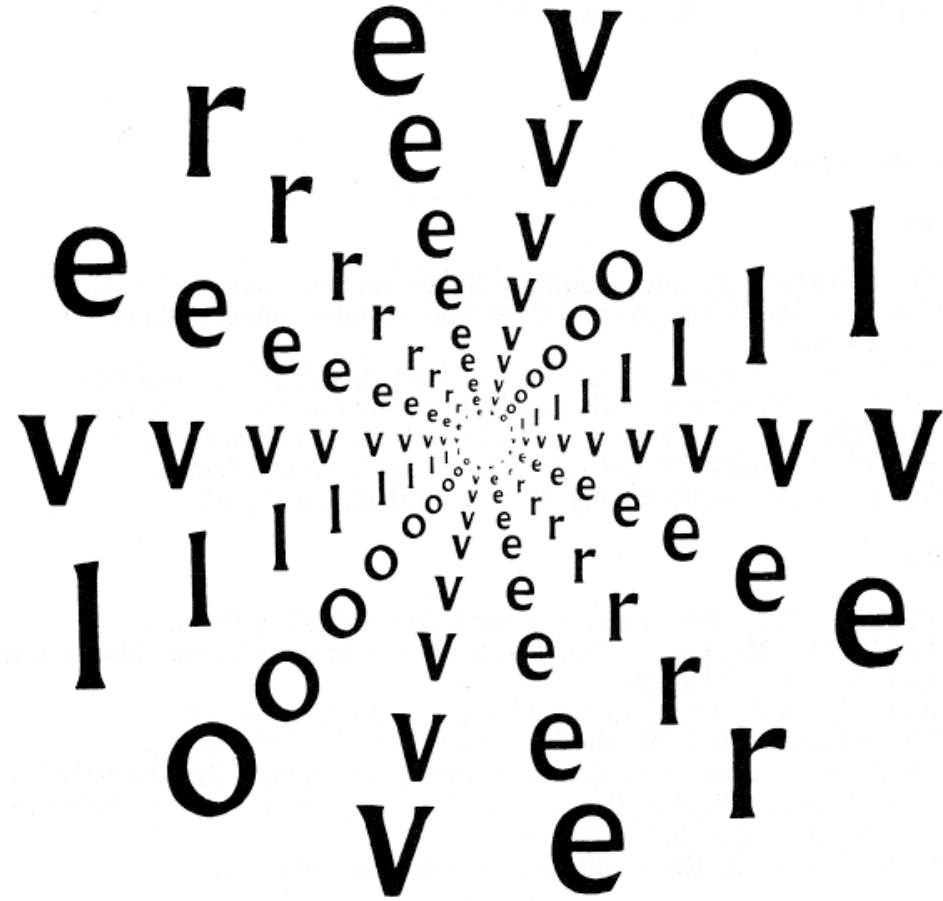
“Pós-Tudo”

QUIIS
MUDAR TUDO
MUDEI TUDO
AGORAPÓSTUDO
EXTUDO
MUDO

Exemplos

ALAN RIDDELL

“revolver 2”



Poesia Marginal

**Características
gerais**

**Uso de recursos
tipográficos**

Ilustrações
complementares

**Abolição da
pontuação e da
sintaxe tradicionais**

Poesia Marginal

Paralelismos

Presença constante

Haicai

Utilização reiterada
da estrutura

Aforismos

Acompanhados de
humor fino e de ironia

Poesia Marginal

Temas recorrentes

**Desencontros
amorosos**

**Desejo de
"chutar o
balde"**

Solidão

**O absurdo
da vida**

Poesia Marginal

Temas recorrentes

**Revolução
dos costumes**

Metapoesia

**Crítica social e política
(contra ditadura militar)**

RECLAME

Chacal

"se o mundo não vai bem
a seus olhos, use lentes
... ou transforme o mundo.
ótica olho vivo
agradece a preferência"



PEGA LADRÃO!

Kátia Bento

“Alguém roubou
um pedaço
do meu
P~O”



AMEIXAS

Paulo Leminski

"ameixas
ame-as
ou deixe-as"



EU QUERIA TANTO

Paulo Leminski

“eu queria tanto
ser um poeta maldito
a massa sofrendo
enquanto eu profundo medito

eu queria tanto
ser um poeta social
rosto queimado
pelo hálito das multidões

em vez
olha eu aqui
pondo sal
nesta sopa rala
que mal vai dar para dois”



S.O.S

Chacal

“nós que não somos médicos psiquiatras
nem ao menos bons cristãos
nos dedicamos a salvar pessoas
que como nós
sofrem de um mal misterioso: o sufoco”



MARGINAL É QUEM ESCREVE À MARGEM

Paulo Leminski

“Marginal é quem escreve à margem,
deixando branca a página
para que a paisagem passe
e deixe tudo claro à sua passagem.

Marginal, escrever na entrelinha,
sem nunca saber direito
quem veio primeiro,
o ovo ou a galinha.”



AQUARELA

Cacaso

"O corpo no cavalete
é um pássaro que agoniza
exausto do próprio grito.
As vísceras vasculhadas
principiam a contagem
regressiva.

No assoalho o sangue
se decompõe em matizes
que a brisa beija e balança:
o verde -- de nossas matas
o amarelo -- de nosso ouro
o azul -- de nosso céu
o branco o negro o negro"



SAMBA-CANÇÃO

Ana Cristina Cesar

"Tantos poemas que perdi.
Tantos que ouvi, de graça,
pelo telefone -- taí,
eu fiz de tudo pra você gostar,
fui mulher vulgar
meia-bruxa, meia-fera,
risinho modernista
arranhando na garganta,
malandra, bicha,
bem viada, vândala,
talvez maquiavélica,
e um dia emburrei-me,
vali-me de medidas
(era uma estratégia),

fiz comércio, avara,
embora um pouco burra,
porque inteligente me punha
logo rubra, ou ao contrário, cara
pálida que desconhece
o próprio cor-de-rosa,
e tantas fiz, talvez
querendo a glória, a outra
cena à luz de spots,
talvez apenas teu carinho,
mas tantas, tantas fiz..."

